

## Programa 4

### Áfricas e afro-brasileiros nos brinquedos e brincadeiras

Azoilda Loretto da Trindade<sup>1</sup>

#### **TIN DÔ LÊ LÊ: BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E A CRIANÇA AFRO-BRASILEIRA (UMA REFLEXÃO)**

Às crianças que foram invisibilizadas e silenciadas ao longo da História

*Abra a roda*

*tin dô lê lê*

*Abra a roda*

*tin dô lá lá*

*Abra a roda*

*tin dô lê lê*

*tin dô lê lê*

*tin dô lá lá<sup>2</sup> ...*

Vamos convidá-lo(a) a lembrar dos sorrisos, da sua infância, das brincadeiras... Deixe essas lembranças chegarem. Permita-se lembrar dos sabores, odores/cheiros, cores, texturas... Dos gritinhos, das corridas, dos machucados... Das marquinhos que você carrega no corpo como lembranças das peraltices... Não continue este texto sem lembrar. Lembre, relembre, lembre...

Lembrar para se religar à criança que está dentro de nós, guardada no coração, a criança que ainda somos. Avivar nossa memória, puxar seu fio para que, quem sabe, possamos perceber, no nosso corpo, o valor, a importância dos brinquedos e das brincadeiras para nós e, conseqüentemente, para nossas crianças, as crianças sob nossa responsabilidade de educadoras e educadores. Afinal,

*Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração Toda a vez que o adulto "balança" ele vem pra me dar a mão.*

*Há um passado no meu presente. Um sol bem quente lá no meu quintal,  
Toda vez que o adulto fraqueja o menino me dá a mão...*

*E me fala de coisas bonitas que eu acredito que não deixarão de existir:*

*Amizade, palavra, respeito, coragem, bondade, alegria e amor...*

*Pois não posso, não quero, não devo, viver como toda essa gente insiste em viver.*

*Não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem ser coisa normal*<sup>3</sup>.

*Devagarzinho /Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* No clima dos brinquedos e brincadeiras, percebamos a riqueza da roda aberta. Olham-se as diferenças e semelhanças, as igualdades, a diferença dos seus participantes, sem hierarquias. Todos ali se vendo, de mãos dadas, num círculo em cujo centro existem as possibilidades.

Vamos, no entanto, devagarzinho, nos lembrar das crianças que ficaram de fora desta roda ao longo da nossa História, de crianças cuja memória histórica de brinquedos e brincadeiras está ligada ao engenho de cana<sup>4</sup>, à senzala, aos guetos, aos lugares invisibilizados, escondidos, ao estado, qualidade, condição de escravas. Para evitar equívocos, estamos nos referindo às crianças afro-brasileiras, razão desta série, deste programa.

*No centro da roda /Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* Colocando estas crianças no centro da roda, vamos, para começo de conversa, tirá-las do lugar de carência e olhá-las como força, como potência. Como crianças cujo axé, cuja energia vital foram e são tão fortes que nos fazem pensar: como elas resistiram e resistem à tanta perversidade social?

Desnaturalizar a concepção de criança escrava, como algo quase biológico, fechado, etiquetado, e olhá-las como crianças que foram, sim, escravizadas ontem e hoje, parece-me fundamental. Fundamental para desnaturalizar o lugar de subalternidade, de marginalidade, de exclusão ao qual tentam colar, aprisionar nossas crianças.

Fundamental para reafirmar o compromisso e o débito social de garantir-lhes sua infância, seu direito de brincar, de sorrir, de ter orgulho da sua memória e do seu povo.

*Fechando a roda /Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* Agora bem próximos, vamos pensar que temos uma memória social cindida, partida. Grande parte da nossa população brasileira não se reconhece afro-brasileira. Neste sentido, o lado afro da nossa história, o escondido, o submerso da nossa memória, necessita ser descortinado, exposto. Essa memória afro-brasileira precisa vir à tona e creio ser no exercício de lembrar que o emergir, o sair da amnésia social, na qual nos encontramos, podem acontecer coletivamente. E nada melhor para isso do que lembrar das histórias inscritas no nosso corpo, em especial no nosso corpo de educadoras e educadores.

*Histórias que entram em cena mediadas por suas lembranças. Tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar status de memória, serem lapidadas. Elas nos habitam individualmente, mas seu nascimento, há muito, aconteceu no coletivo. Quando socializadas, podem ser refletidas e criticadas. (...)*

*Ver, porque ganhou distância, num processo reflexivo, como construtor e não reprodutor do próprio processo de aprendizagem, possibilita a compreensão entre construir conhecimento e reproduzir conhecimento, repetir história e construir história*<sup>5</sup>.

Destaco isto pois creio que se nosso corpo não estiver visceralmente envolvido com o processo de construção de uma educação efetivamente voltada para todos, sucumbiremos diante do árduo processo de imprimir as africanidades brasileiras no nosso currículo escolar, que se pretende multicultural. Africanidades brasileiras

"refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do dia-a-dia"<sup>6</sup>.

Ao tirar da prisão do esquecimento a memória individual e coletiva afrodescendente que habita nossa população, estaremos dando um passo fundante para a concretização dos nossos ideais democráticos em relação à educação.

*Dando um exemplo/Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* Conceição nasceu no dia 8 de dezembro, no final dos anos 70 do século XX, dia consagrado a Nossa Senhora da Conceição e, em algumas religiões afrodescendente ou afro-brasileiras, a Oxum, orixá feminino, que, segundo Verger (1981, p. 174) controla a fecundidade e reina sobre todos os rios, exercendo seu poder sobre as águas doces, fundamental para a vida na Terra .

Sua família, adepta da umbanda, uma religião afro-brasileira, desejou homenagear Oxum, colocando este nome na menina. Segundo ela, houve o impedimento no cartório e a família imediatamente deu-lhe o nome de **Conceição** para poder homenagear **Oxum**, sem repressão. (Esta história é emblemática em relação ao surgimento do nosso sincretismo religioso.)

Por muito tempo, mais de vinte anos, ela relata que tinha vergonha de contar esta história e dizia que seu nome era em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

Ao compartilhar, coletivizar sua lembrança, sua história identitária, Conceição libertou sua memória e sua própria identidade e certamente sua história lembrada e contada foi disparadora de outras memórias e de outras identidades.

Relato este exemplo para fundamentar o desafio que se coloca à nossa frente ao nos predispormos a fazer valer a Lei nº 10.639/2003 que regulamenta a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo escolar. Ora, nenhuma lei se torna exequível sem envolvimento social, sem pertencimento coletivo. Esta lei, especificamente, só se concretizará, no cotidiano escolar, se houver a real parceria com os professores e professoras. Se houver a vivência cotidiana da crítica do cotidiano escolar, permeado por conflitos, encontros e desencontros, racismos, preconceitos e discriminações, muitas vezes alienadamente confundidos com brincadeiras ingênuas, bobagens ou insignificâncias.

*Dando outro exemplo/Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* Participava de um curso de formação de educadores de Educação Infantil, quando a professora, colocou um vídeo, onde tinha a brincadeira infantil *Barra manteiga na fuça da nêga*. Vale destacar que o curso tinha uma perspectiva crítica e progressista. Fiquei constrangida, mas fui obrigada, pela minha consciência, a questionar o material. O argumento-resposta foi perfeito: "essa brincadeira faz parte do nosso repertório cultural e afetivo, todos já brincamos dessa brincadeira", foi dito. No entanto, contra-arguntei: "É, mas não foi dito que a *nêga* da brincadeira é uma mulher negra, logo gente, logo tem nariz e não fuça". Não foi dito que não se coloca barra de manteiga no nariz de ninguém, não foi dito que se tratava de uma brincadeira que retratava um período de nossa história (o escravismo). Não foi dito que o silêncio, a não-crítica, a não-reflexão num curso de formação de professores acabam por naturalizar a situação e reforçar a violência

simbólica que se pratica contra todos os afro-brasileiros e afrodescendentes. E, assim, não se questiona que com tantos exemplos possíveis de brincadeiras, aquele foi escolhido sem nenhuma crítica, num vídeo de um curso que se pretendia crítico, multiplicador, formador de práticas e opiniões pedagógicas.

Esta situação significativa demonstra a total ou quase total insensibilidade para com metade da população brasileira: os afro-brasileiros. Mas por quê?

*Mão na testa/Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* E no repertório popular e afetivo da nossa gente, temos muitos exemplos de brincadeiras significativas que nos levam a pensar: *Chicotinho queimado*, as *Sinhazinhas* das festas juninas, as músicas como *Samba -lele tá doente./ Tá com a cabeça quebrada/ Samba-lele precisava /É de umas boas palmadas.* Ou a tradicional *Boi, boi, boi./ boi da cara preta./ pega essa menina /que tem medo de careta.* Das histórias como a do *Negrinho do Pastoreio* e da *Moura Torta*. Creio que as brincadeiras e brinquedos estão em sintonia com a sociedade na qual estão inseridos, então não é surpreendente o que ocorre e ocorreu numa sociedade com uma história de autoritarismo como a nossa.

*Vamos girando/Tin dô lê lê/tin dô lê lê/tin dô lá lá.* Gostaria de concluir este texto pensando em dois aspectos fundamentais para nós: a importância do brincar e a importância do corpo que brinca.

**O brincar**, no dizer de Verden-Züller (2004, p. 230), "é atentar para o presente". O não estar preocupado com o futuro, com as conseqüências da ação, mas em vivê-la enquanto ela está sendo vivida por nós. É encantar-se com o aqui e agora, é entregar-se ao presente.

Atentemos para o fato de que nós, educadoras e educadores, imersos em planejamentos, currículos, controles, muitas e muitas vezes, além de não brincarmos - capacidade que em muitos de nós está aprisionada no nosso corpo -, impedimos que o outro brinque, em nome, num sem número de vezes, de uma desnecessária disciplina, lei, organização, em nome da nossa "autoridade", contribuindo assim, para a degeneração da vida humana, que tem no brincar a afirmação da vida.

Vamos brincar um pouquinho, vamos nos encontrar com os sacis, com as cucas, com o Negrinho do Pastoreio, com os bois das caras-pretas de vez em quando. É, vamos redescobrir o prazer de brincar que, certamente, tomou nosso corpo em algum momento da nossa vida.

**O corpo** traduz a nossa presença concreta no mundo. A nossa existência e potencialidade se circunscrevem no nosso corpo. Com ele amamos, sonhamos, produzimos, sentimos, percebemos, nos constituímos como sujeitos. O que é importante para nós, educadores e educadoras, é o respeito por este corpo, o nosso e o do outro, dos nossos alunos, das nossas alunas, nossos colegas, nossas colegas, nossos companheiros e companheiras de existência. Corpos que carregam histórias e memórias, marcas que anunciam e denunciam, que falam, mesmo sem palavras. Creio que esta dimensão de acolhida respeitosa, amorosa do corpo do outro, sobretudo quando este outro tem uma história-memória social de violência, mutilação, insensibilidades com relação ao seu corpo e aos corpos dos seus iguais, é chave para a permanência e o sucesso das nossas crianças, em especial as crianças negras, na escola.

Permanência e sucesso não de vítimas ou de carentes, mas de cidadãos e cidadãs de direito, vitoriosos sobreviventes do racismo, exclusões e injustiças sociais.

Que tal, junto com elas e eles, construirmos um belo repertório de brinquedos e brincadeiras? E assim, quem sabe, no coletivo, fazermos emergir, no brincar, a nossa memória afro-brasileira. Confie, o nosso corpo e o corpo de nossas crianças, eles sabem brincar, afinal o brincar é um saber acontecente. É só começar.

*Inventando*

*tin dô lê lê*

*Inventando*

*tin dô lá lá*

*Inventando*

*tin dô lê lê*

*tin dô lê lê*

*tin dô lá lá...*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

FREIRE, Madalena. "Memória: Eterna idade." *Diálogos*. São Paulo. *Espaço Pedagógico*, ano II, nº 5, julho 1999.

KISCHIMOTO, T. M. *Jogos tradicionais Infantis: O jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993

LUZ, Marcos Aurélio. *Cultura Negra e Ideologia do Recalque*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

LUZ, Narcimária C. do Patrocínio Luz. *Abebe: a criação de novos valores na educação*. Salvador-BA: SECNEB, 2000.

MATURANA, H. e VERDEN ZÖLLER, G. *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

PRIORE, M. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves e. Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. *Revista do Professor*. Porto Alegre, 19 (73):26-30, jan./mar. 2003. SILVA. Vagner Gonçalves da. *Artes do Corpo: Memória afro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Claro e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Verdade Seduzida. Por um conceito de Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto e SANTOS, Rafael (org.). *Multiculturalismo - mil e uma faces da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. *Racismo no Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro: FGV/IESAE, 1994. Dissertação de Mestrado em Educação.

VERGER, P. *Orixás*. São Paulo: Corrupio e Círculo do Livro, 1981.

LIVROS INFANTO-JUVENIS:

AGOSTINHO, Cristina; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Alfabeto Negro: A valorização do Povo Negro no cotidiano da Vida Escolar*. Belo Horizonte: Mazza, 2001. (Livro e manual do Professor).

AIBÊ, Bernardo. *A ovelha negra*. São Paulo: Mercuryo, 2003.

ALMEIDA, Gecilda de. *Bruna e a Galinha d'Angola*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BAGNO, Marcos. *Um céu azul para Clementina*. Rio de Janeiro: LÊ, 1991.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Bichos da África - lendas e fábulas*. Vol. 1, 2, 3 e 4. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

\_\_\_\_\_. *Contos Africanos para crianças brasileiras*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Duula: a mulher canibal- um conto africano*. São Paulo: DCL, 1999.

\_\_\_\_\_. *Como as histórias se espalharam pelo mundo*. São Paulo: DCL, 2002.

\_\_\_\_\_. *O filho do vento*. São Paulo: DCL, 2001.

\_\_\_\_\_. *Histórias Africanas para contar e recontar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

CASTANHA, Marilda. *Agbalà-um lugar continente*. Belo Horizonte-MG: Formato Editorial, 2001.

COELHO, Raquel. *Berimbau*. São Paulo: Ática, 2001.

CRUZ, Nelson. *Chica e João*. Belo Horizonte: Formato, 2000.

DIOUF, Sylviane. *As tranças de Bintou*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

GODOY, Célia. *Ana e Ana*. São Paulo: DCL, 2003.

KRISNAS, ALEX, Allan. *Zumbi - A Saga de Palmares*. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2003. LAMBLIN, Christian. *Samira não quer ir à escola*. São Paulo: Ática, 2004.

LIMA, Heloisa Pires. *Histórias da Preta*. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 1998/2000.

\_\_\_\_\_. *Espelho Dourado*. São Paulo: Peiropólis, 2003.

\_\_\_\_\_. Lima, Heloisa. *A Semente que veio da África*, editora Salamandra (no prelo).

MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do Laço de Fita*. São Paulo: Melhoramentos.

MIGUEZ, Fátima. *Em Boca Fechada não entra Mosca*. São Paulo: DCL, 2001.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *A bonequinha preta*. Belo Horizonte: LÊ, 1982.

OTERO, Regina; RENNÓ, Regina. *Ninguém é igual a ninguém: o lúdico no conhecimento do ser*. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Os rezeiros do Congo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Ifá - o adivinho*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2003.

RAMOS, Rossana. *Na minha escola, todo mundo é igual*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSA, Sônia. *O menino Nito*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Joel Rufino. *Dudu Calunga*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *Gosto de África. Histórias de lá e daqui*. São Paulo: Global, 2001.

UNICEF. *Crianças como você: uma emocionante celebração da infância*. São Paulo: Ática, 2004.

ZIRALDO. *O Menino Marrom*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

. VÍDEOS/FILMES:

Pesquisar nos Catálogos da TV Escola, do CECIP e do IBASE:

Malcom X

Um grito de Liberdade

Documentário sobre Luther King

Quando o crioulo dança -REDEH/MEC

Racismo - IBASE Vídeo

Alguém falou de racismo

Meninas do Rio e FUNK RIO - Cecip

Kiriku e a feiticeira Vista minha pele

Kiara, corpo de rainha.

Ilha Negra

Beleza Negra

Retrato em Preto em Branco

MÚSICAS

Milagres do povo- Caetano Veloso e Gilberto Gil

Haiti - Caetano Veloso e Gilberto Gil

CD do Antônio Nóbrega - O marco do meio-dia

CD do Jorge Aragão - Jorge Aragão ao vivo

CDs de Nei Lopes

CD ABRA A RODA tin dô lê lê, de Lydia Hortélio

CD Tambolelê

DIA DE GRAÇA (Candeia - sambista negro)

Wonderful world - Louis Armstrong

SITES:

[www.mulheresnegras.org](http://www.mulheresnegras.org)

[www.afirma.com.br](http://www.afirma.com.br)

[www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br)

[www.anped.org.br](http://www.anped.org.br) (GT de Relações Raciais)

[www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos.html](http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos.html)

[www.projetohistoriadosamba.hpg.ig.com.br](http://www.projetohistoriadosamba.hpg.ig.com.br)

#### NOTAS:

---

1 Pesquisadora da UFRJ e ativista do Movimento Anti - Racista.

2 *Abra a roda tin dô lê lê* é uma cantiga de roda do nosso repertório popular.

3 *Bola de gude, Bola de Meia*, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

4 KISCHIMOTO, T. M. *Jogos tradicionais Infantis: O jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993 (p 26 a 59).

5 FREIRE, Madalena. "Memória: Eterna idade." *Diálogos*. São Paulo. Espaço Pedagógico, ano II, nº 5, julho 1999.

6 SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos*. *Revista do Professor*. Porto Alegre, 19 (73):26-30, jan./mar. 2003.

SALTO PARA O FUTURO / TV ESCOLA

[WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO](http://WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO)